

Paquistão: de um Deus menor

Via [Europe Solidaire Sans Frontières](#)

O BALUCHISTÃO sangra novamente. Mais um episódio de brutalidade horrível contra os Hazaras – e não menos contra os mineiros de carvão – trouxe à existência mais um movimento de protesto. Ontem foi a morte da filha de um balúchi do solo em costas estrangeiras, amanhã será um homem Pashtun que cairá vítima dos Talibãs ou de seus criadores.

Khurram Husain nos lembrou ontem que os Hazaras foram brutalizados muitas vezes antes, com o atual primeiro-ministro imitando os líderes eleitos que ele chamou em 2013 por não mostrarem respeito aos mortos e àqueles que os choram, fazendo uma viagem a Quetta.

Claro que houve outra reunião Hazara em 2018 que só foi cancelada quando o chefe do exército foi pessoalmente aos manifestantes e lhes garantiu que os oficiais responsáveis seriam punidos, seus assassinos identificados e sua segurança futura garantida.

Verdade seja dita, mesmo que o PM Imran Khan finalmente se arrependa e se encontre com os manifestantes, ele não manda nada. O establishment e seus ideólogos já deram o tom no rescaldo do ataque do Mach com o slogan padrão sobre o “inimigo” fomentando o “terrorismo” em nossas costas, e o fato de que a “soberania” do Paquistão nunca será comprometida.

Quem se importa que estes slogans sejam como esfregar sal nas feridas dos Hazaras e de outras nações étnicas do Baluchistão, a maioria das quais já sangraram até secar? Quando o Estado “soberano” não pede sacrifício em sangue, ele leva cobre de Saindak, ouro de Reko Diq, costa de Gwadar, gás de Sui, carvão e inúmeros outros minerais, sem mencionar as terras virgens para as bonanzas imobiliárias.

A resistência balúchi a tudo isso sempre os tornou “suspeitosos”, os Pashtuns um pouco mais acima na escada oficial de lealdade. O humor dos que estão nas ruas de Quetta desta vez sugere um aprofundamento da consciência também entre os Hazaras de que eles não passam de cidadãos apenas no nome.

Os infelizes mineiros foram, sem dúvida, alvo com base em sua fé xiita e massacrados até a morte sob o pretexto de serem filhos de um Deus menor. Mas os manifestantes sabem que seu sofrimento foi usado no passado para dar mandato à força militar indiscriminada. Há uma sensação crescente de que os Hazaras agora se percebem no mesmo barco que os povos ‘sunitas’ Baloch e Pakhtun que, de outra forma, poderiam ser levados a culpar.

E os ‘conspiradores’ que operam no Afeganistão e na Índia, presumivelmente responsáveis por estes ataques? Não é óbvio que existem muçulmanos em ambos os países; na verdade, os Hazaras têm sido regularmente massacrados no Afeganistão pelos mesmos Talibãs que nossos Estados campeões tem como “aliados”.

Nossos poderes chamados de “interesses estratégicos” tem pouco a ver com o que poderia ser genuinamente chamado de interesse público, especialmente para aqueles segmentos do público paquistanês que foram deixados para trás economicamente, ou deliberadamente reprimidos.

As Hazaras são peões num jogo sangrento que instrumentaliza também as populações Baloch e Pashtun brutalizadas. A situação à margem do Baluchistão e o sectarismo sempre cada vez mais fanático também em Gilgit-Baltistan, especialmente quando as massas xiita, sunita e ismaili se unem para exigir que deixem de ser tratadas como súditos coloniais. Não se esqueça da agência Kurram onde duas décadas da chamada “guerra ao terror” não geraram paz para a maioria xiita ou para os inocentes sunitas minoritários.

Mesmo onde as maquinações do establishment não são tão

proeminentes, podem ser encontrados filhos de um Deus menor. No coração de Punjabi, tanto cristãos como muçulmanos de casta baixa, mendigando crianças nas ruas, trabalhadores assalariados diários e moradores dos bairros pobres são todos considerados pouco humanos.

Através do que é perfurado em nossa cabeça como “linhas inimigas” no Afeganistão e na Índia, encontramos inúmeros campos de morte. No primeiro, explosões quase diárias de bombas podem tirar a vida de tadjiques e usbeques (muitos deles xiitas), assim como de pashtuns (a maioria sunitas).

Enquanto isso, na Índia de Modi, um lugar especial no inferno é reservado não só aos muçulmanos, mas aos Dalits, membros de tribos, nações étnicas como os Assamês e Nagas, sem mencionar centenas de milhões de pessoas trabalhadoras através das linhas religiosas, étnicas e de castas, que certamente também filhos de um Deus menor.

Mas esqueça outros países e governantes. Voltemos à terra dos puros. O atual Primeiro Ministro pode certamente demonstrar alguma urgência indo a Quetta, assim como os líderes da oposição foram forçados a fazer após uma considerável persuasão.

Mas o próprio fato de que o partido governante e o PDM têm sido lentos a reagir sugere que eles não têm resposta à pergunta: quem são os “namaloom afraad” (pessoas sem nome) que continuam a causar estragos contra os Hazaras, seus irmãos étnicos no Balochistão, e tantos outros nesta terra tão sofredora?

Não resta vontade de transformar estes sujeitos brutalizados em cidadãos iguais. O plano é mantê-los em seu lugar, divididos e governados.